

GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA NA PRÁTICA NO COLÉGIO ESTADUAL LUIZ VIANA FILHO CANDEIAS-BA

Prof^o Esp. Diego Cruz Argolo¹
Secretaria de Educação da Bahia
Prof.^a Esp. Marilene Sacramento Miranda²
Secretaria de Educação da Bahia
Prof.^a Esp. Liliane Cintra Soares da Silva³
Secretaria de Educação da Bahia

RESUMO

Este texto tem por objetivo relatar uma experiência de uma ação educativa desenvolvida no Colégio Estadual Luiz Viana Filho localizado na cidade de Candeias-BA (CELVF) que foi proposta por dois membros da gestão escolar e uma docente, com 40 estudantes de uma turma do 1º ano do turno matutino do Ensino Médio. Este texto fundamenta-se nas ideias de uma gestão escolar democrática que promove ações educativas restaurativas para mediar conflitos e uma possível solução de problemas no ambiente escolar. Realizamos o estudo desta ação educativa à luz da pesquisa autoetnográfica, com aspectos etnográfico escolar e colaborativo. Vale acrescentar que essa ação pedagógica possibilitou que os/as estudantes, equipe gestora e professores/as fizessem uma autoavaliação de suas práticas e atitudes no ambiente escolar. Por fim, percebemos que durante o processo de preparação para o seminário houve uma interação maior entre os membros da comunidade escolar, a ressignificação dos conhecimentos de alunos/as e professores/as e a diminuição dos conflitos de caráter discriminatório no ambiente nessa unidade escolar.

Palavras-chave: Gestão escolar democrática, autoetnografia, ações interventivas

ABSTRACT

This text aims to report an experience of an educational action developed at Colégio Estadual Luiz Viana Filho located in the city of Candeias-BA (CELVF) that was proposed by two members of the school management and a teacher, with 40 students from a 1st grade class, year of the morning shift of high school. This text is based on the ideas of a democratic school management that promotes restorative educational actions to mediate conflicts and a possible solution of problems in the school environment. We carried out the study of this educational action in the light of autoethnographic research, with school and collaborative ethnographic aspects. It is worth adding that this pedagogical action made it possible for students, management team and teachers to make a self-assessment of their practices and attitudes in the school environment. Finally, we noticed that during the preparation process for the seminar there was a greater interaction between the members of the school community, the resignification of the knowledge of students and teachers and the reduction of conflicts of a discriminatory nature in the environment in this school unit.

Keywords: Democratic school management, autoethnography, interventional actions

¹ Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do estado da Bahia. Esp. em Educação Ambiental pela FAVEN. Aluno do curso de Mestrado profissional da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG). Diargolo9@gmail.com

²Graduada em Letras Vernáculas e Inglês pela Faculdade de Tecnologia e Ciências-FTC. Esp. em Educação de Jovens e Adultos-EJA pela Faculdade Visconde de Cairu e Especialista em Educação, Pobreza e Desigualdade Social pela UFBA Atualmente é professora de Língua Portuguesa - SEC/ BA

³ Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Salvador. Esp. em auditoria e gestão ambiental pala Cairu. Professora de Biologia do CELVF

1 INTRODUÇÃO

Este texto tem como objetivo apresentar uma discussão sobre uma intervenção educativa, por meio de um relato de experiência em sala de aula, proposta por dois membros da gestão escolar e uma professora de Biologia, que convidaram 40 estudantes do 1º ano do turno matutino do Colégio Estadual Luiz Viana Filho de Candeias-BA (CELVF) para pesquisar, planejar e compartilhar suas leituras e seus argumentos em um seminário realizado com a comunidade escolar, visando promover um diálogo e uma reflexão no que diz respeito às atitudes preconceituosas com pessoas das religiões de matizes⁴ africanas, assim como aquelas que têm limitações físicas e sotaque diferente. Desta forma, esta ação educativa, teve a pretensão fortalecer as relações interpessoais para mediar conflitos, nessa instituição de ensino.

Essa ação interventiva foi pensada a partir da compreensão de que toda pesquisa busca caminhos para solucionar um problema, neste caso, atitudes preconceituosas feitas por estudantes com seus colegas de sala de aula e com uma professora. É importante explicar que a opção por esse tipo de tarefa se deu porque entendemos que ela é uma atividade que busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, e permitiu a nós, autores deste texto e os 40 alunos/às, construir conhecimentos, que nos auxiliou a compreender esta realidade e orientou nossas ações. (PÁDUA, 1996)

Nesse sentido, a base dessa prática foi o ensino-aprendizagem na formação dos/as estudantes através de uma ação educativa, que teve como elementos principais a autonomia, o diálogo para mediação de conflitos, o trabalho coletivo, a autoavaliação, a valorização das diversas culturas e conhecimento prévios dos/as aprendizes.

Para reforçar essa ideia da ação educativa, podemos afirmar que as etapas para a produção e a apresentação do seminário, são exemplos de práticas pedagógicas restaurativas que auxiliam no gerenciamento de conflitos. Essa nossa ótica legítima a ideia de que essas práticas restaurativas “colaboram com o trabalho preventivo de reafirmação das relações, visando melhorar o relacionamento escola-família-comunidade, a busca do diálogo entre todos, a promoção da melhoria do vínculo com a comunidade escolar e a comunidade não violenta.” (BRASIL, 2014, p.11).

Levando em consideração o ponto de vista de que seminário é uma prática restaurativa educativa, acreditamos ser esta uma possibilidade para que o processo de ensino-aprendizagem em prol do diálogo em sala de aula, que ainda é um local permeado por conflitos, divergências de opiniões e de atos discriminatórios e racistas.

O problema surgido no âmbito da escola nos provocou a realizar esta ação educativa com os/as aprendentes, do 1º ano do Ensino Médio do CELVF para que todos e todas as pessoas que trabalham na instituição de ensino e os/as estudantes possam construir os pensamentos antirracista a partir dessa imersão na realidade concreta para o enfrentamento de desafios, conforme as ideias de conscientização e autonomia do pensamento utilizados por Freire (1979).

Diante desse contexto surgiu o seguinte questionamento: como uma ação pedagógica educativa dialógica, proposta para uma turma do 1º ano do Ensino Médio do CELVF, a exemplo da construção de um seminário, pode mediar conflitos no ambiente da sala de aula? Pois, o diálogo é a ferramenta basilar para o enfrentamento de conflitos e é essencial na transformação das pessoas e da sociedade. (BRASIL, 2014)

⁴ Segundo Lírio (2014), nos estudos culturais, o termo Matiz, (...) ganha a conotação justamente das múltiplas nuances no seio das culturas, entendendo, sobretudo, que estas não têm sua dinâmica desenvolvida em torno de um eixo central, “enraizado”, uma espécie de matriz. Mas que sua rede de articulações é sempre dinamizada por uma série de relações que é o que a torna complexa, multifacetada e em constante movimento. (2014, p.34).

Para a realização dessa ação educativa utilizamos como metodologia a pesquisa autoetnográfica, porque para Silva (2017) a prioridade é uso da experiência pessoal para examinar e interpretar a experiência cultural do/a professor/a ora pesquisador/a ora participante da pesquisa. Esse trabalho também tem um caráter etnográfico escolar, que é importante para descrever as práticas culturais dos/as discentes pelo olhar detalhista do/a docente. Vale aditar que essa intervenção é colaborativa (Silva, 2017), porque a realidade do contexto escolar é estudada com o propósito de mudança no espaço escolar e na vida dos/as estudantes.

Considerando a nossa opção da metodológica e o problema que desencadeou este estudo, um dos objetivos que elencamos foi fomentar o diálogo entre as diferentes culturas que coabitam a escola, para que os/as estudantes e as demais pessoas que compõem a comunidade escolar façamos uma reflexão sobre as nossas atitudes no CELVF nesse processo formativo e busquemos caminhos para que nessa unidade escolar trabalhemos numa perspectiva antirracista respeitando as diversidades existentes na escola.

Tendo em vista os aspectos observados neste texto, ratificamos a necessidade da de uma ação educativa, utilizando o seminário como uma estratégia didática que amplia o diálogo entre a escola e o seu entorno, pois Gomes et al (2014, p.51) compreende que “(...) estudar contextos escolares é compreender algumas dimensões desses espaços, muitas vezes, conflituosos, e isto significa conciliar o terreno político e organizativo do qual faz parte a unidade escolar.”

Portanto, este texto está dividido da seguinte forma: introdução na qual contextualizamos o tema, depois o referencial teórico, em seguida, faço uma abordagem sobre o percurso metodológico, as discussões, os resultados e por fim as considerações finais.

2 GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA USA AÇÕES EDUCATIVAS

Esta discussão foi desenvolvida na ótica da concepção sobre a utilização de ações educativas, proposta por dois membros da gestão escolar e uma professora, para dirimir conflitos no ambiente escolar e melhorar o ensino-aprendizagem dos/as partícipes dessa experiência. Vale acrescentar que a gestão democrática prioriza a conscientização e a participação da comunidade escolar, pois seguindo as ideias de Lira e Filho (2015, p.3) “(...) Efetivar uma gestão democrática implica na participação e autonomia de todos os segmentos da comunidade escolar levando à constituição de espaços dinâmicos, marcados pela diversidade e pelos distintos modos de compreender a escola.”

Dado o exposto, é evidente que para se estabelecer uma gestão escolar democrática e participativa é preciso considerar a escola, especialmente a pública, a exemplo do CELVF, como um ambiente multicultural, formada por pessoas de diferentes etnias, sexos, idades, origens, condições socioeconômicas dentre outras. Dessa forma, , gestores, professores, estudantes e outros membros da comunidade escolar, são convidados/as a estarem mais abertos para entenderem esta diversidade dialogando ” (...) com outros tempos e com múltiplos espaços em que nos humanizamos: a família, o trabalho, o lazer, os círculos de amizade, a história de vida de cada um.” (Gomes, 2000, p.73).

Nesse panorama, o reconhecimento da diversidade étnico-racial nas instituições escolares é um passo basilar para se desenvolver uma educação antirracista, porém a luta vai além disso, é preciso romper com práticas colonialistas na estrutura da escola, na gestão escolar, na construção do currículo, nos planejamentos e desenvolvimentos das práticas pedagógicas, que influenciam no silenciamento e no cerceamento do ensino

da cultura afro-brasileira nesse espaço de ensino-aprendizagem.(Gomes,2013). Essa mesma autora também acrescenta que mais do que diversificar as atividades pedagógicas é preciso promover

(...) a discussão sobre a África e o negro no contexto brasileiro devem promover debate, a discussão, a reflexão e a mudança de postura. Realizar projetos interdisciplinares de trabalho, estimular práticas mais coletivas e reforçar teórica e metodologicamente o combate ao racismo e à discriminação racial nas escolas são objetivos e deverão também ser resultados da implementação das diretrizes. (GOMES, 2013, p.89)

É importante lembrar que a lei 10.639/03 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), através da luta de anos de movimentos negros para que o estado brasileiro reconhecesse o racismo em toda a estrutura da sociedade e elaborasse mecanismos para o seu combate. A lei que foi criada em 2003 versa sobre a obrigatoriedade do Ensino da Cultura e história afro-brasileira e africana e surgiu como uma ferramenta para provocar a ruptura epistemológica e uma descolonização no currículo, visando o ensino na perspectiva antirracista (BRASIL,2003; Silva, 2016). Nessa mesma ótica, Gomes (2013) compartilha que essa lei também surgiu como uma aliada das escolas do ensino básico, principalmente às públicas, na luta antirracista, servindo de guia para a elaboração de atividades pedagógicas.

Levando em consideração essa concepção de práticas antirracistas no âmbito escolar fez-se necessário, através de uma ação educativa, convidar os/as 40 alunos/as do 1º ano do Ensino Médio para realizar uma pesquisa, estudar, planejar e compartilhar as leituras e suas reflexões num seminário com a comunidade escolar a fim de fomentar o diálogo acerca de atos preconceituosos com pessoas das religiões de matiz africana e com limitações físicas e modo de falar com sotaque diferente dos demais estudantes e professores/as no CELVF. Para ratificar as nossas ações educativas trago o que pontua o Ministério Público Federal no guia prático para educadores (BRASIL, 2014, p.23) sobre esse tipo de ações as quais são chamadas de práticas restaurativas porque explica que elas:

Nos levam a lidar com os conflitos de forma diferenciada: desafiando os tradicionais padrões punitivos. Passando a encarar os conflitos como oportunidades de mudanças e de aprendizagem, ressaltando os valores da inclusão, do pertencimento, da escuta ativa e da solidariedade. São mudanças de modelos da cultura, de paradigmas e de práticas que permitem uma melhoria nos relacionamentos, contribuindo para a construção de cultura de paz na escola. (BRASIL, 2014, p.23)

Outro enfoque que é importante a ser aludido é sobre a utilização de valorizar a escuta nas ações educativas nas práticas escolares, que tornam os conflitos no ambiente escolar, uma oportunidade de ascensão e transformação social. Para reiterar esse pensamento sobre a valorização da escuta trago Lírio (2020, p. 54) porque defende que “Escutar dá(-se) à escuta, inteiramente, de corpo, uns aos outros. Estar sensível e aberto/a aos afetos, àquilo que passa, atravessa, em devir; ao que move, transforma, mobiliza, anima e, em dinâmica contínua, provoca.”

Para reafirmar a ideia desse autor trago também Travalha (2016, p. 67-68), porque ela assegura que é de fundamental importância, nesse processo de escuta, “(...) que nas relações sociais estabelecidas nos espaços escolares, consideremos a diversidade de posturas, práticas sociais e de pontos de vistas, em direção a construção de relações coletivas, solidárias e dialógicas.” Nessa mesma linha de pensamento, Freire (1996) afirma que as relações interpessoais no espaço escolar devem ser dialógicas,

aberta, questionadora, política e crítica. Além disso, todos os conhecimentos já construídos pelos/as discentes têm que ser valorizados.

Esse processo de escuta e diálogo, motivada pela ação educativa, permite que gestores e docentes manifestem sua própria experiência de vida no mesmo momento em que tem a possibilidade de acessar informações dos/as aprendizes, especialmente do seu contexto cultural e social. (Silva, 2017)

Apoiados na discussão estruturada até o momento, a seguir vamos apresentar o percurso metodológico realizado durante a ação educativa.

3 O PERCURSO METODOLÓGICO DESSA EXPERIÊNCIA

Por todos os argumentos supracitados, o problema e o objetivo deste estudo optamos por pesquisa autoetnográfica porque conforme Silva (2017), o autor e as autoras deste texto ao mesmo tempo são pesquisadores/as, participantes do estudo, pois presenciaram, discutiram refletiram, decidiram que não faríamos uso da pesquisa como uma atividade punitiva, mas sim como uma verdadeira fonte para construção do conhecimento, além disso teorizamos sobre nossas ações pedagógicas com os/as discentes.

Como este estudo ocorreu no ambiente escolar, recorreremos também à pesquisa etnográfica escolar, porque vamos descrever e analisar tanto o contexto sociocultural da escola, quanto às práticas sociais e culturais dos/as estudantes. Além disso, a etnografia possibilita que o conhecimento de mundo dos/as aprendizes seja valorizado e legitimados. (ANDRÉ, 2012).

Vale admitir que esta ação educativa tem característica colaborativa, porque ao mesmo tempo que o contexto escolar é estudado, também se propõem uma mudança do ambiente e das pessoas que compõem a comunidade escolar. (Silva, 2017).

É importante explicar que as vivências do professor e das professoras estão atravessadas pelas experiências dos/as estudantes do 1º ano do ensino médio. Essa prática propiciou que os/as participantes o envolvimento nesta ação, porque além de conhecerem “(...) o seu próprio grupo social, cultural e profissional e suas próprias narrativas escritas e orais.” (Silva, 2017, p.39). Também sabiam que o seu texto oral, sobre atitudes preconceituosas e discriminatórias, iria exercer sua função social, que é afetar os seus interlocutores visando alterar a realidade do CELVF.

Dessa forma, desenvolvemos uma ação educativa utilizando a pesquisa e o seminário como recursos didáticos com o propósito de convocar todos/as os/as participantes para fazermos juntos uma reflexão aprofundada sobre o problema que vivenciamos nesta instituição de ensino esse ano de 2022, a partir das leituras e argumentos das/as envolvidos/as neste estudo. Essa escolha se deu porque compreendemos que esta prática promove a valorização das experiências pessoais, a mediação de conflitos e o diálogo no que se refere a atitudes preconceituosas entre pessoas nesse contexto escolar.

No que diz respeito ao diálogo, Travalha (2016) assevera que espaços da escola, é um dos lugares que fomenta a construção de relação dialógica, possibilitando assim, que os problemas sejam solucionados, pois é possível considerar o ponto de vista, a diversidade de postura e as práticas sociais de cada indivíduo, nas relações no coletivo.

3.1 Agora vamos conhecer os/as participantes e o contexto desta experiência

Eu/ Vice-diretor, a diretora Marilene e a professora de Ciências Biológicas Liliane e estudantes do Ensino Médio somos os participantes desta experiência realizada CELVF, localizado na Rua Desembargador Teixeira de Freitas, s/n no município de Candeias- BA, região metropolitana de Salvador.

3.1.1 Diego Argolo Cruz, pesquisador em formação e vice-diretor da unidade escolar

Sou professor de Biologia e Química há nove anos, na rede estadual da Bahia e estou como Vice-diretor do CELVF. Resido no Município de São Sebastião do Passé-BA, região metropolitana de Salvador-BA. Sou Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e Especialista em Educação Ambiental e Docência em Ensino Superior. Sou aluno do programa de Mestrado profissional da Faculdade de Educação da UFMG.

Eu sou um homem branco, candomblecista, nascido e criado no terreiro de candomblé cujo pai de Santo era meu pai biológico⁵. Minha mãe, meu irmão e minhas irmãs são candomblecistas. Uma de minhas irmãs assumiu o lugar de meu pai e é atualmente a mãe de santo do terreiro.

3.1.2 Marilene Sacramento Miranda pesquisadora em formação e Diretora do CELVF

Sou uma mulher negra, católica, professora do ensino básico há 25 anos da rede Estadual de Ensino da Bahia, oriunda da zona rural, filha de pais *in memoriam*, trabalhei e estudei na zona rural, Vila de Bento Simões, comunidade pertencente ao município de Irará. Morei na zona rural da cidade de Pedrão-BA até 1988, nesse mesmo ano fui morar no município de Candeias-BA.

Fiz o curso de magistério que concluí em 1989. Em 2005, ingressei no curso superior em Letras Vernáculas com Inglês Faculdade de Tecnologia e Ciências -FTC. Ao terminar a graduação passei a lecionar no Ensino Médio na EJA e no Ensino Fundamental das séries finais. Estou cursando o quarto semestre do curso de mestrado profissional na Faculdade de Educação da Universidade Federal- FAE/UFMG. Atualmente sou diretora do CELVF.

3.1.3 Liliane Cintra Soares da Silva

Sou uma mulher negra, católica, nascida em Cachoeira de São Félix -BA. Leciono há 11 anos na educação, na rede estadual de ensino. Estou como coordenadora Pedagógica no município de Simões Filho-BA. Sou Professora de Biologia e Química há dois anos no CELVF. Reside no município de Lauro de Freitas -BA, região metropolitana de Salvador-BA. Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade Católica de Salvador e especialista em Gestão Ambiental e auditoria e gestão ambiental pela Faculdade Cairu.

3.1.4 Os/as estudantes participantes:

São 40 discentes que participaram desta experiência, 25 residem na zona urbana e 15 na zona rural da cidade de Candeias, 15 residem nos bairros do centro da cidade, 18 na periferia e 07 nos distritos, eles estão na faixa etária entre 15 e 16 anos. Esses jovens cursam o primeiro ano, no turno matutino. 15 estudantes pertencem a classe média e 25 alunos (as) a classe baixa. Destes, 03 discentes foram identificados com distorção idade e série. A maioria destes é negros/as, parte deles/as vivem em

⁵ in memoriam,

vulnerabilidade social e são de famílias de baixo poder aquisitivo, com média ou pouca escolaridade.

3.1.5 Espaço onde a experiência foi realizada

Este colégio possui cinco salas de aula, três banheiros: um masculino, um feminino e um para alunos portadores de necessidades especiais, uma sala de docentes, uma secretaria, uma sala de diretor, uma biblioteca, uma sala de informática, uma cozinha e uma dispensa. É considerado, devido à Secretária de Educação do Estado da Bahia, como um colégio de grande porte, com 810 alunos matriculados (as). Essa mudança de médio para grande aconteceu devido a inclusão do anexo, localizado no distrito da Caroba. O CELVF funciona no diurno com o Ensino Médio e no noturno Educação de Jovens e Adultos.

Essa unidade escolar está localizada na Rua Desembargador Teixeira de Freitas, s/n, bairro Pitanga, situado no município de Candeias-BA, região metropolitana de Salvador. Essa é uma localização considerada privilegiada e devido a isso, a procura por vaga para estudar é grande. Outro aspecto que chama atenção é o fácil acesso a qualquer tipo de transporte, tanto para os estudantes que residem na sede quanto para os que moram nos distritos e cidades circunvizinhas,

Considerando o perfil dos/as participantes dessa ação educativa proposta e desenvolvida e demanda que surgiu no CELVF a seguir vamos relatar como se deu esse processo.

3.2 Relato de experiência da ação educativa desenvolvida no CELVF

No segundo semestre de 2022, durante uma aula de Biologia, a professora Liliane Cintra, buscando atender as demandas dos/as estudantes tentou exibir o filme *Mãos Talentosas*⁶, porém um dos estudantes colocou em uma caixa de som uma música, com um volume alto que inviabilizou a atividade de leitura do vídeo a docente ia realizar com os/as estudantes. E essa ocorrência contribuiu para que a professora saísse da sala insatisfeita com a cena que vivenciou.

Em seguida, ela dirigiu-se à equipe gestora da escola para comunicar o ocorrido. A gestora Marilene e eu, não conseguimos identificar o/a aluno/a praticou a ação e a princípio pensamos em punir a turma com advertência escrita na expectativa de que o responsável pela ação assumisse o ato e não houvesse necessidade de adverti-los, mas quando fomos os três na sala de aula para conversar com os/as alunos/as ninguém se manifestou. Então percebemos que a punição não seria a melhor opção porque descobrimos que alguns/as desses/as estudantes, em um grupo de WhatsApp trocaram ofensas entre si e contra professores/as. Os desacetos foram desde piadas sobre o jeito de andar por causa da limitação física de uma professora de geografia, a atitudes de intolerância religiosa à maneira de falar de um dos estudantes.

Em consequência dessas ocorrências, nos reunimos para analisar o que fazer numa situação dessa porque sabíamos que das ações frustradas de anos anteriores em relação a advertências escritas e percebemos que houve o aumento de conflitos entre os binômios estudantes/professores e estudantes/estudantes. E isso nos remeteu a ideia de Foucault (1999, p. 196), na sua obra **Vigiar e punir**: nascimento da prisão, que traz a advertência como um castigo disciplina e essencialmente corretivo, além de ser “um

⁶ Filme dirigido por Thomas Carter e conta a história de Ben Carson (Cuba Gooding Jr.), menino pobre de Detroit, sempre levou uma vida desmotivada, já que tirava notas baixas e não tinha perspectivas de um grande futuro. O que ele e os que estavam ao redor não esperavam era que ele se tornaria um neurocirurgião de fama mundial.

dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar, um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam o efeito de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam. (...)”

Foi nesse contexto, que fizemos uma autorreflexão e pudemos perceber que essas advertências, impõe um sentido contraditório à educação como prática da liberdade⁷ (Bell Hooks, 2017) e que não desenvolve nos/as aprendizes possibilidades de construir o conhecimento de forma autônoma. Tomando como referência as obras de Foucault (1999) e desta autora, nós três chegamos à conclusão de que deveria ser uma ação pedagógica e democrática e propomos aos/as estudantes envolvidos/as nessa situação que fizessem uma pesquisa sobre preconceito, discriminação e variação linguística e compartilhassem os conhecimentos construídos por eles/as durante a investigação em seminário realizado no colégio para que houvesse uma discussão e reflexão sobre essas atitudes no espaço escolar e fora dele. Eles aceitaram e assim foi feito.

Esse seminário teve como objetivo fomentar um diálogo no que diz respeito a atitudes preconceituosas com pessoas das religiões de matizes africanas, assim como aquelas que têm limitações físicas e assim reduzir conflitos existentes no ambiente escolar. Vale aditar que este recurso didático (o seminário) foi pensado e planejado em etapas.

Na primeira etapa, em sala de aula, a professora Liliane relatou a importância do seminário e perguntou à turma se eles/as achavam importante discutir, por exemplo, a intolerância religiosa, preconceito discriminação e modos de falar? Dos 40 estudantes da sala, 90% da turma aceitou o desafio. Então, continuamos na expectativa de que durante o planejamento e o desenvolvimento da ação educativa os demais alunos/as se envolvessem.

Na aula seguinte, a professora Liliane, a diretora Marilene e eu realizamos um momento de escuta dos/as estudantes e escolhemos com eles eles/as os temas a serem estudados, a elaboração de um plano de ação apresentado a seguir. Nesse dia, ao longo da nossa roda de conversa surgiu a proposta do seminário, os 10% dos estudantes, que não queriam se envolver no estudo, foram gradativamente participando dos grupos e das atividades propostas.

Quadro 1- Plano de ação dos (as) alunos (as) do CELVF 2022

Grupo 01 - Tema: Estudo da cultura das religiões de matiz africana			
Nome dos componentes:			
Quais etapas vamos seguir? -Pesquisas; -Leituras; -Aquisição de materiais para apresentação; -Aulas de campo.	O que vamos ler? -História das religiões de matiz africana; - Racismo religioso e o candomblé.	O que vamos escrever? - Resumos sobre a pesquisa -Relatos da pesquisa de campo; - Autoavaliação.	Como iremos compartilhar slide; Dramatização.

Fonte: Diário de bordo vice-diretor autor do texto

Em outro momento da aula, já com os temas indicados pela turma sob nossa orientação fizemos uma enquete para delimitar os assuntos que eles consideravam

⁷ Para Bell Hooks educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. (...) Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo.” (2017, p.25)

prioridade. 20% da turma escolheu trabalhar com diversidade religiosa, 30% optaram por diversidade cultural, 20% Amizade e respeito e 30% empatia e amor ao próximo. Esse percurso ocorreu de forma autônoma e democrática, na proporção que foram consideradas as decisões de todas as pessoas envolvidas nessa ação educativa.

Na quarta etapa, sugerimos que os estudantes se organizassem em grupos. um subgrupo ficou o assunto amizade, respeito e amor; o outro com religião de matiz africana; o terceiro com diversidade cultural e o quarto com a releitura do trecho do filme *Mãos Talentosas*.

Depois de definidos os temas de cada equipe, sugerimos que os estudantes realizassem uma pesquisa bibliográfica em diversas fontes confiáveis, sobre o assunto escolhido, a exemplo de internet, textos impressos dentre outros. Também propomos que cada equipe elaborasse um plano de ação sob a supervisão da professora. Vamos observar agora o plano de ação que um dos grupos elaborou e utilizou

Na terceira etapa, os/as integrantes de cada equipe reuniram-se com a professora Liliane, a diretora Marilene e eu/vice-diretor, para tirarem dúvidas, refletir, questionar, redimensionar o plano de ação se caso fosse necessário e para planejar o texto oral: como faremos a introdução da nossa fala, como desenvolveremos nossa fala.

Na quinta etapa, depois da execução do plano de ação da pesquisa bibliográfica, é chegada a hora das apresentações dos seminários. A primeira equipe, cujo tema foi Amizade, Respeito e Amor, apresentou o slide interagindo com o público. Essa equipe exibiu um vídeo de um minuto sobre o sentimento de empatia e relatou sobre o respeito em ambientes de trabalho e no âmbito educacional.

Nessa mesma etapa, a segunda equipe apresentou uma peça teatral, sobre a intolerância religiosa contra os adeptos do candomblé. A terceira equipe, com a temática diversidade cultura apresentou, utilizando slides, as diversas regiões do Brasil e os diversos tipos de variações linguísticas existentes no nosso território. Já a quarta equipe fez uma releitura de um trecho do filme *mãos talentosas*. Vale lembrar que os grupos interagiram com as pessoas presentes. E antes da equipe dois se apresentar, eu relatei o preconceito que tinha sofrido por integrantes da turma, por ser do candomblé.

[...] Um dos alunos usou o WhatsApp do grupo da sala e gravou um áudio proferindo um discurso preconceituoso por eu ser do candomblé. Nesse áudio ele dizia aos/as colegas que não era para ligar para mim que eu era macumbeiro e proferiu palavras de baixo calão dirigidas a minha pessoa.

Foi quando a Professora Marilene teve a brilhante ideia de propormos uma ação educativa aos/as estudantes dessa turma, e assim foi feito. No dia da roda de conversa no momento da discussão da Cultura das religiões de matizes africanas os/as estudantes me convidaram para falar um pouco da minha religião, o candomblé. Falei um pouco sobre a história da África, como surgiu o candomblé aqui no Brasi, além disso falei sobre o sectarismo e o racismo religioso que as pessoas do candomblé sofrem. A nossa conversa “rendeu”.

Em relação a avaliação adotamos a avaliação processual e os critérios de avaliação do seminário, elencamos as seguintes questões: a equipe explicou demonstrou ter se apropriado do assunto? A Comunicação oral fez uma exposição de maneira dinâmica? Os expositores conseguiram associar o cotidiano com o tema apresentado? Os/as estudantes provocaram as pessoas presentes a participarem da discussão e reflexão?

Essa etapa da troca de conhecimentos e experiências foi produtiva, visto que os(as) aprendizes evidenciaram que esta situação proporcionou a autonomia para que eles/as protagonistas do seu processo de construção construíssem seus próprios conhecimentos. É importante explicar que a professora Liliane, a diretora Marilene e eu

participamos das discussões de com o propósito de partilhar nossas experiências e nossos conhecimentos sobre os assuntos estudados.

Isso posto é possível afirmar que as habilidades acordadas para serem ampliadas como planejamento e o desenvolvimento do seminário foram o trabalho colaborativo em grupo, possibilidade de concatenação do tema apresentado com o dia a dia dos/as alunos/as e diálogo entre os/as participantes. Destarte, é fundamental considerar o conhecimento de mundo de cada pessoa pertencente no âmbito escolar.

Em virtude dos fatos mencionados, com a ação educativa proposta para esses estudantes, pudemos entender que um dos caminhos para uma aprendizagem significativa é uma prática pedagógica dialógica porque viabiliza a mediação de conflitos e fomenta uma gestão mais democrática e participativa que reconheça e enfrente a heterogeneidade que permeia o ambiente escolar. Se essa diversidade não for abordada atentando para as relações interpessoais podem tomar rumos indesejados transformando-se em atos de indisciplina.

Do nosso ponto de vista, o seminário é uma das ferramentas pedagógicas que, no colégio já mencionado, ampliou o diálogo sobre os problemas discriminatórios em sala de aula, possibilitando uma escuta mais efetiva dos integrantes da comunidade escolar.

4 GESTÃO DEMOCRÁTICA E O SEU REFLEXO NA CELVF

No que concerne a gestão escolar, na qual faço parte, percebi que houve uma descentralização das tomadas de decisão, que torna a gestão mais democrática e cooperativa, propondo um planejamento e desenvolvimento participativo de ações que visam fomentar o diálogo, para mediar conflitos existentes nesse espaço multicultural, que é a Escola. Seguindo essa mesma ótica, Boschetti et al (2016) assevera que essas mudanças são sempre desafiadoras nos espaços escolares, porque provoca também uma mudança de comportamento, de conduta e pensamento.

Ao analisarmos o depoimento a seguir da diretora do CELVF, compreendi que a atitude dessa gestora ao descobrir o que ocorreu na turma do primeiro ano, referente a atos preconceituosos e discriminatórios, em sala de aula e nas redes sociais, realizados por estudantes aos/as professores/as, foi assertiva.

Quando soube do ocorrido, eu estava na sala da direção e a professora entrou muito triste e informando que um estudante havia atrapalhado a sua aula com uma música muito alta. Nesse momento, pedi calma a ela, me direcionei à sala de aula e comecei a perguntar o que havia acontecido? uns três alunos falaram do ocorrido, mas não citaram nomes. Eu demonstrei aversão ao acontecido e durante a minha fala disse que eles ou elas estavam naquele ambiente em processo de construção do conhecimento, para respeitar os/as colegas, professores e todas as pessoas do nosso ciclo social. Sugeri que eles/as refletissem e se colocassem no lugar do outro. (...) Em vez de uma advertência escrita, eu acordei com o profº Diego e a professora Liliane que propusemos aos/as estudantes para planejar, pesquisar e compartilhar as descobertas num seminário com temas que os/as fizessem refletirem sobre o ocorrido.

Essa sugestão de estudar sobre os atos que ocorreram em sala de aula e no WhatsApp e depois conversar com as outras pessoas da comunidade escolar, substituindo as velhas práticas punitivas, na nossa concepção, contribuiu para a prevenção de conflitos, porque a gestão mostrou-se participativa envolvendo, comprometendo e responsabilizando estudantes, gestores, professores, pedagogos, pais e funcionários na busca coletiva de superar problemas na escola e ao mesmo tempo desenvolver o sentimento de empatia. (Boschetti et al,2016). Para confirmar essa ideia apresento a fala do Estudante M.V. de 15 anos

Sou aluno do 1º ano Matutino, e eu atualmente fiz algo que não deveria ser feito. Eu “Zoei” com a cultura do vice-diretor, Diego, enfim primeiramente eu gostaria de dizer que não foi de coração. Me perdoem. Tal dia eu estava na sala de aula e a professora estava exibindo um vídeo na TV, aí foi quando eu coloquei uma música, mas eu não sabia que ela ia reagir tão mal. Chegando em casa, eu vi mensagens no grupo da sala onde queriam saber quem foi, eu não levando a sério insultei o candomblé, que é a religião do professor Diego (mas não foi 100% sério). Quando eu estava apresentando o seminário, eu me entreguei e assumi o meu erro. Pedi desculpas e sugeri fazermos um café da manhã, como um pedido de desculpas, e assim foi feito. Me arrependi muito de ter insultado o professor Diego e ter brincado na aula. Me perdoem, no fim eu prometo que nada que eu disse foi de coração. Aprendi profundamente sobre algumas informações, a exemplo que o candomblé foi totalmente distorcido pela sociedade. Devemos respeitar todos e todas, independente da sexualidade, cultura, cor e religião. Pessoas não devem ser maltratadas e sim amadas e respeitadas. Desculpas.

Esse momento foi crucial, pois o aluno que atrapalhou a aula da professora com o som alto e desencadeou as atitudes de preconceitos e discriminação com os colegas e professores/as, se pronunciou, assumindo a sua fala preconceituosa, responsabilizando-se pela atitude discriminatória que praticou. Isso nos fez entender a importância de uma gestão democrática e participativa, que desenvolve estratégias e possibilidades de ações educativas para fomentar o pensamento crítico dos/as estudantes.

Depois dessa autorreflexão do aluno, que fez ele se sentir confortável em assumir a sua responsabilidade, o diálogo entre nós foi ampliado e falamos para todos/as presentes que o ser humano é incompleto e está em constante aprendizado, por isso o erro é uma oportunidade de aprender também. Nessa lógica, Paulo Freire (1996, p.30) no seu livro intitulado Pedagogia da autonomia afirma que “é na inconclusão do ser, que se funde a educação como processo permanente.”

Levando em consideração o planejamento e o desenvolvimento do seminário, que foi o gênero oral proposto na ação educativa, pude perceber que houve interação do público. Eu, prof^o Diego no momento da apresentação da equipe de intolerância religiosa, fui convidado para falar um pouco do candomblé e do racismo religioso que sofreu por alguns integrantes da equipe. Foi um momento especial, pois percebi que estamos iniciando um processo de desmistificação e de rompimento com vários estereótipos sobre essa religião de matiz africana. Para ratificar o meu pensamento, trago para esse texto a fala da Professora Liliane, a respeito de duas equipes que ela avaliou. segundo a docente

A equipe da amizade e Respeito abordou a importância de relações construtivas e o risco quando existem atitudes “tóxicas”. Os/as integrantes conseguiram fazer interação com o público que assistiu à apresentação, provocando todos com alguns questionamentos. A equipe deixou claro que o respeito deve existir na sala de aula ou em qualquer lugar, pois isso favorece um ambiente harmonioso para todos. Já a equipe de intolerância religiosa, trouxe exemplos do cotidiano para abordar o tema, mostrando o respeito às diversidades de crenças, para vivermos uma sociedade mais igualitária. Os/As alunos também trouxeram algumas tradições das religiões de matiz africana para desmistificar o preconceito existente.

Em relação a aprendizagem notamos que assuntos estudados e compartilhados durante o seminário, que a maioria dos estudantes conseguiram associá-los ao seu cotidiano, pois toda e qualquer prática pedagógica que leve em consideração a valorização de conhecimentos construídos além do muro da escola é essencial que se quebre o paradigma da fatídica educação bancária, que tem a transferência unidirecional

do conhecimento como base. Freire (1996). Para fundamentar ainda esse pensamento trago o relato do aluno C. M. de 15 anos.

O seminário abordou alguns temas necessários que debatemos e encontramos no nosso dia a dia. Foi muito importante, para mim, conversar, discutir e entender como a sociedade aborda essas temáticas. O meu tema foi “Amor, amizade e respeito “que são valores que levamos para nossa vida e que estão em nosso cotidiano. Foi muito interessante explicar sobre esses três sentimentos, que são fáceis e ao mesmo tempo complexos. Foi legal dividir o meu conhecimento com a turma, porque era um assunto que eu já dominava, principalmente o tema amizade. Achei muito legal obter mais conhecimento sobre o que é ser amigo e entender como podemos nos relacionarmos com os outros seres humanos de uma forma mais saudável possível. Outra coisa importante, que eu acho, é entender como reagimos com esses sentimentos, quando se trata do outro.

Outro ponto importante é que percebemos foi o engajamento dos integrantes das equipes e divisão das tarefas durante processo de preparação para o seminário, pois notamos que houve planejamento do texto oral e os/as estudantes fizeram as apresentações com seriedade e criatividade. Os/As discentes envolvidos interagiram com o público e puderam realizar uma avaliação do próprio desempenho do grupo. No que se refere a esse pensamento, apresento o depoimento do aluno M.S. 15 anos, após o planejamento e a apresentação do seminário.

Gostaria de começar esse relato dizendo que eu me senti apresentando uma palestra sobre um tópico importante nos tempos atuais, o amor e o respeito. Foi bom ter essa conversa com a turma, na frente de todos. Eu também tenho muito que agradecer a minha equipe que realizou um trabalho de excelência. Alguns colegas conseguiram se destacar mais do que outros e isso é muito importante para mim. (...) A produção do trabalho também foi significativa, pois através dessa etapa, que decidimos o rumo do projeto da unidade. Quando estávamos planejando o trabalho, pensamos no nosso público-alvo o tempo todo durante o processo de criação. Amamos a forma que o trabalho foi feito e apresentado e temos a certeza de que os nossos espectadores sentiram o mesmo.

Pela observação dos aspectos observados, podemos acrescentar também que a ação interventiva proposta pela gestão escolar do CELVF, que nesse caso foi o planejamento e a apresentação de um seminário temático, desenvolveu outras habilidades nos/as alunos/as que, a priori, não foram estabelecidas por mim e nem pelas outras pessoas mentoras desse estudo como: Autoavaliação e a responsabilidade com o público-alvo durante o processo de criação do seminário. Essas e outras habilidades foram desenvolvidas de forma autônoma, pois seguindo a ótica de Freire (1996, p.14) “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.”

5. O QUE ESTE ESTUDO REVELOU: As investigações continuam.

Ao finalizar esta investigação chegamos à conclusão de que o uso do gênero oral seminário como recurso didático, proposta pela gestão escolar e pela professora, para mediar conflitos em sala de aula, viabilizou a ampliação do diálogo entre os membros da comunidade escolar, assim como permitiu que alunos/as, docentes e outros membros do CELVF refletissem e ressignificassem os seus conhecimentos e atitudes. Dessa forma, essa ação da gestão do CELVF possibilitou que os participantes lutassem por um ambiente mais participativo, saudável e colaborativo.

Em relação aos objetivos, para que eles fossem alcançados nas etapas do planejamento, desenvolvimento e apresentação do seminário, levamos em consideração o multiculturalismo existente no ambiente escolar, porque se este não for abordado corretamente aumenta ainda mais os conflitos, as dissonâncias e os embates na escola. Sendo assim, para Bell Hooks (2017, p.63), “(...) Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem (...)”

Vale enfatizar que as ações educativas promovidas pela equipe gestora juntamente com a professora, se consolidou como práticas restaurativas, pois tem a finalidade de mediar conflitos e desenvolver boas relações no espaço escolar através de atividades que valorizaram a bagagem cultural dos/as estudantes, o seu ponto de vista e a sua consciência crítica. Além disso, essas práticas restaurativas “(...) resgatam o diálogo, a conexão com o próximo e a comunicação entre os atores escolares, familiares, comunidades e redes de apoio. (BRASIL, 2014, p.14).

Em suma, pude perceber que foi fundamental o planejamento, a produção e a apresentação do seminário porque observei que os/as aprendizes ampliaram a habilidade de trabalhar de forma colaborativa, mediando conflitos e ressignificando saberes através de resumos sobre os conteúdos das pesquisas bibliográficas, reunião com os/as orientadores/as, orientação para formatação do slide e da oralidade, ensaios das equipes, que viabilizou uma melhoria nas relações interpessoais entre os binômios aluno(a)/aluno(a) e docente/estudante. Vale incluir que essa investigação é na perspectiva (auto)etnográfica e por isso eu, além de professor/pesquisador, também sou participante da pesquisa e por tanto minhas percepções subjetivas estão arraigadas nela.

Em síntese, o seminário se consolidou como uma alternativa que possibilita aos/as estudantes, o incentivo ao diálogo com diversos temas que permeiam os seus ambientes socioculturais, bem como permite que gestores e professores se atentem a escutar estes/as discentes, pois segundo Lírio (2020, p.54), o estar disposto a ouvir “(...) é uma qualidade - como característica constituinte mesmo - daquele que pretende se embrenhar por entre o universo da sala de aula. (...) para então dialogicamente, intervir, propor, articular-(se) e (re)inventar-(se).

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M.E.D.A. de. **Prática Pedagógica: Etnografia da Prática Escolar**. 18ªed. São Paulo: Papirus, 2012.

BOSCHETTI, Vania Regina; BARROS, da Mota Assislene; FREITAS, Abreu de Dayse Lúcida. Gestão Escolar Democrática: **Desafios e Perspectivas** Regae - Revista de Gestão e Avaliação Educacional, vol. 5, n.10, julho-dezembro, 2016, pp.103-111. Disponível em:<<https://www.redalyc.org>. Acesso em: 06 de novembro de 2022.

BRASIL. Conselho Nacional do Ministério Público. **Diálogos e mediação de conflitos nas escolas: Guia Prático para Educadores**. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/> Acesso em: 15 de julho de 2021.

_____. Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003. D.O.U. de 10 de janeiro de 2003

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Editora Vozes, 1999).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo. **Conscientização**: Teoria e Prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire; [Tradução de Katia de Mello e Silva, revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. São Paulo: Cortez e Moraes. 1979.

FILHO, Reginaldo Francisco da Silva; Lira, Ildo Salvino de. **Gestão escolar democrática**: uma ferramenta para (re)pensar a prática do gestor escola. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/>>. Acesso em: 06 de novembro de 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e Diversidade Étnico Cultural**. In: RAMOS, Marize Nogueira; ADÃO, Jorge Manoel; BARROS, Maria Nascimento. Diversidade na Educação: reflexões e experiências. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnologia, 2000.

GOMES, Nilma Lino. **A questão racial na escola**: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: MOREIRA, Antônio Flávio e CANDAU, Vera Maria. Multiculturalismo: Diferenças culturais e práticas pedagógicas. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p

LÍRIO, Vinícius da Silva. **Criar, performar e cartografar**: poéticas, pedagogias e outras práticas indisciplinadas do teatro e da arte. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2020.

LÍRIO, Vinícius da Silva. **Poéticas híbridas: bando de teatro olodum + butô de Tadashi endo nos entre-lugares da criação cênica**. 2014. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação de Artes Cênicas da Escola de Teatro e Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2014.

SILVA, Laureci Ferreira da. **Letramentos acadêmico-científicos na formação continuada de professoras de língua portuguesa**. 2018. Tese (Doutorado em educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador-Bahia. 2018.

TRAVALHA, Conceição Clarette Xavier. **Educação e espiritualidade na UFMG**: desafios e limites de uma proposta de pesquisa e estudos. In: SOARES, Eliana Maria do Sacramento e RECHO, Jane. Educação e Espiritualidade: Tessituras para construção de uma cultura de paz. Caxias do Sul, RS : Educs, 2016

SILVA, Maria de Fátima de Sales. **O Ensino de história e Cultura Afro-brasileira Africana no Currículo da Escola Municipal de Ensino Fundamental** Professor Geraldo Costa. e-ISSN: 2359-2796, v. 17, n. 1, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH PB. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/>>. Acesso: 09 de agosto de 2021.